

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA EJA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MACEIÓ

Deiseane Louise Santos Oliveira

Mestranda/PPGE/CEDU/UFAL

Resumo

Neste trabalho realizo uma reflexão da prática docente de uma professora que observei ao participar como aluna de iniciação científica¹ de uma pesquisa que tinha como problema central analisar **como as diversidades sócio culturais dos alunos do 1º Segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos – EJA - são tratadas nos gêneros textuais contidos nos LDs?** Esta pesquisa foi realizada em uma classe de 3ª fase do 1º segmento do ensino fundamental de EJA em uma escola pública da rede municipal em um bairro da periferia de Maceió² pertencente à Secretaria de Educação do Município de Maceió - SEMED. Pretendo analisar a prática docente desta professora a luz da Pedagogia da Autonomia de Freire (2007), problematizando as práticas observadas com uma reflexão mais acentuada sobre a temática.

Palavras – chave: Prática Docente; Educação de Jovens e Adultos; Diversidade Cultural.

Resumen

En este trabajo realizamos una reflexión de la práctica docente de un profesor que se dio cuenta durante su participación como un inicio estudiante científica¹ de una encuesta que tenía como problema central para analizar cómo la diversidad socio-cultural de los estudiantes en el segmento de primera de la Educación Básica de Jóvenes y Adultos - EJA - se tratan en los géneros contenidos en LD? Esta investigación se realizó en una clase de 3ª fase de la primera serie de sesiones de la educación básica EJA en una escuela pública en un municipio en las afueras de Maceió² perteneciente al Ministerio de Educación de la Ciudad de Miami - SEMED. Se analiza la práctica docente de la luz profesor de Pedagogía de la Autonomía de Freire (2007), cuestionando las prácticas observadas con más pronunciado sobre el tema. Palabras - clave: Profesor de Práctica, Juventud y Educación de Adultos, la Diversidad Cultural.

¹ Este trabalho é fruto de reflexões acerca de uma pesquisa desenvolvida no grupo Teorias e Práticas em Educação de Jovens e Adultos vinculado ao Mestrado em Educação Brasileira-CEDU-UFAL. Contou com bolsistas do PIBIC-CNPq-PROPEP-UFAL e financiamento do CNPq através do Edital Universal 2007-2009.

² Para efeito de preservação da identidade, o nome da escola e dos sujeitos investigados não será citados.

Introdução

No segundo semestre de 2009 foi realizada a investigação de campo através de observações das práticas de letramento em uma classe de 3ª fase do 1º segmento do ensino fundamental de EJA em uma escola pública da rede municipal em um bairro da periferia de Maceió³ pertencente a Secretaria de Educação do Município de Maceió - SEMED. As observações confirmaram a inquietação do grupo de pesquisa, considerando que os materiais didáticos utilizados pela professora fugiam da realidade dos alunos, uma vez que esta os utilizava apenas como pretexto para trabalhar leitura e interpretação voltadas ao estudo dos aspectos gramaticais. Identificou-se que na ausência do livro didático as aulas se resumiam também em leitura e interpretação de outros textos, ao invés de abordar as maiores dificuldades apontados pelos alunos, tais como: Produção de texto; leitura e interpretação de textos de forma reflexiva; discussões sobre assuntos políticos, econômicos e socioculturais da atualidade que tanto os alunos vivenciam como forma de conscientização e esclarecimento da realidade. Partindo destas constatações, analisarei a prática docente desta professora a partir de observações registradas através de eventos de letramento.⁴

A sala de aula é um lugar onde pessoas se encontram e lá desenvolvem, transformam e produzem conhecimentos através de um processo coletivo. O processo de ensinar requer muito mais que transmissão de conhecimento, vai além da difusão de conteúdos programáticos, constitui-se na condução para a produção do saber. Ensinar requer a atuação conjunta dos atores envolvidos nas interações que se estabelecem na sala de aula para que os sujeitos constituam uma melhor compreensão e reflexão do que está sendo passado.

O processo de ensinar requer que o educador conheça quem são os sujeitos que estão envolvidos neste processo e que tenha a humildade de se reconhecer como um ser que também está aprendendo. Este deve fazer com que os educandos percebam que fazem parte da construção do conhecimento, entendendo que não são submetidos apenas a um ensino bancário.

3

4 Para Soares (2003) os eventos de letramento caracteriza-se como as situações em que a língua escrita é parte integrante da natureza da interação entre os participantes e de seus processos de interpretação, seja uma interação face a face, em que as pessoas interagem oralmente com a mediação da leitura ou da escrita, seja uma mediação à distância, autor-leitor ou leitor-autor.

O necessário é que, subordinado, embora à prática bancária, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de forma certa o imuniza contra o poder apassivador do bancarismo. (FREIRE, 2007, p.25).

Sendo assim, mesmo submetidos a práticas bancárias, os educandos devem ir além de suas necessidades de aprender. Devem mostrar ao educador que não são submissos à condição de depósitos, mas que são sujeitos capazes de superar suas próprias capacidades, através da curiosidade e reflexão do saber. Ensinar e aprender caminham juntos através de uma ação reflexiva, rompendo com uma falsa idéia de que o educador é o detentor do saber, o educando também é o sujeito da produção do conhecimento. O que se exige do educador é que ele tenha a clareza de que o educando está ali para construir novos saberes a partir da experiência de cada um.

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo, não deve significar de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem procesos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 1993, p.28).

Fica claro o papel do educador, em saber que sua prática não se resume apenas em passar o conteúdo ao educando, fazendo com que se torne uma prática cotidiana. Ensinar requer do educador seriedade na busca de passar para os educandos o conhecimento sistemático, mas acima de tudo mostrar a eles que é unindo seus saberes socialmente adquiridos através de suas experiências de vida junto ao conhecimento científico que se produzirá um conhecimento crítico da realidade a fim de superá-la e mudá-la através de sua consciência crítica. Para isso acontecer o educador deve estar aprendendo sempre, se capacitar para poder orientar os educandos sobre conceitos que eles desconhecem, tornando-os curiosos e insaciados na busca pelo saber e pelo conhecimento socialmente construído.

O educador não é completo, “ao ensinar ele aprende, e quem aprende ensina a aprender. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro”. (FREIRE, 2007, p.23).

Descrevendo os Sujeitos da EJA

Citei acima que para haver uma prática docente em que educador e educandos trabalhem juntos na construção do conhecimento, é necessário que o educador conheça os sujeitos envolvidos no processo. É interessante, porque, na medida em que se sabe com quem está trabalhando, o educador descobre a identidade cultural de cada sujeito e se descobre no mesmo processo, uma vez que esses sujeitos são seres históricos e sociais com experiências e capacidade de intervir no mundo e com o mundo, podendo assim construir relações em que se transformem e transformem a realidade existente. Estes buscam na escola um espaço de igualdade, onde possam apropriar-se de conhecimentos e buscar nas experiências dos educadores o acesso ao saber. Esses jovens e adultos participantes nesse processo de educação não são considerados assim apenas por terem determinada idade e estudarem à noite, isso não é apenas uma questão cronológica, onde para muitos são sujeitos evadidos, repetentes, defasados, fruto de um fracasso escolar, mas que na verdade são trabalhadores ou não trabalhadores que tiveram o saber negado, frutos de uma sociedade em que a educação é para poucos, dependentes de um sistema onde são submissos aos professores e são tratados como inferiores e incapazes.

Muitas vezes esses sujeitos educandos da EJA têm experiências de vida em comum, que podem servir para uma ótima aula, com trocas e discussões onde cada um venha a se sentir útil na construção do conhecimento. Muitas vezes são pessoas vindas da zona rural, que passaram ou não por algum processo de escolarização através de programas e projetos de alfabetização, ou são jovens que deixaram de estudar por não terem encontrado na escola um lugar acolhedor e prazeroso para se estudar. Além disso, muitos têm ocupações durante o dia em que se exige esforço físico e mental e quando chegam à escola não são estimulados a lutar e confiar em suas capacidades e habilidades.

Esses alunos, na maioria das vezes são da periferia e possuem condições precárias de trabalho, e isso quando tem, muitas vezes ambulantes, pedreiros, domésticas, que buscam na escola um meio de melhorar aquela situação vivida. Outros não trabalham, quando mais jovens vivem do dinheiro dos pais e alguns não têm renda nenhuma para manter-se e vivem em situações precárias de sobrevivência. A única oportunidade que alguns vêem é de buscar na escola um meio de melhorar as condições

de vida, muitas vezes são desestimulados, mas continuam ali onde é o lugar que se sentem menos excluídos, que ainda encontram uma alimentação e muitas vezes um ponto de apoio até mesmo de orientação pessoal.

Nessa sociedade em que vivemos estas pessoas não têm quase nenhuma oportunidade, são os “marginalizados” que não tem condições de estarem em escolas “regulares” e vão para a EJA como se fosse o único meio de darem continuidade aos estudos. Estes, por sua vez não se vêem como pessoas que também são dotadas de conhecimento e que se sentem oprimidas em meio de uma sociedade onde o que vale por muitas vezes é o saber sistematizado.

Os conhecimentos que possuem são experiências de vida, que podem ser considerados de grande valor se os educadores souberem aproveitar e a partir destes transformar em conhecimentos sistematizados. Muitas vezes esses conhecimentos são ignorados, onde a experiência de vida e a diversidade dos sujeitos não são levadas em conta. O professor se coloca como o único detentor do conhecimento, o “dono da razão”, mantendo uma posição de opressor e os alunos, “os ignorantes” que não possuem conhecimento nem cultura mantendo-se em uma condição de oprimido. Neste sentido entende-se que:

[...] Até o momento em que os oprimidos não tomam consciência das razões de seu estado de opressão ‘aceitam’ fatalisticamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumem posições passivas, alheadas, em relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua formação no mundo. A pouco e pouco, porém, a tendência é assumir formas de ação rebelde. Num que fazer libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos, nem esquecer este momento de despertar (FREIRE, 1982, p. 55).

Os educadores devem valorizar cada sujeito, seus conhecimentos, buscando novas formas de ensino-aprendizagem, onde através de uma aula dialógica e problematizadora educador e educando se eduquem, passando do senso comum ao conhecimento científico e se tornem seres críticos-reflexivos em meio dos acontecimentos sociais. Além disso, eles não devem esquecer que para haver uma aula problematizadora em que os alunos não sejam meros recipientes faz-se necessário que os educadores vejam esses sujeitos em suas particularidades, cada um com uma necessidade diferente e para isso ser flexível no desenvolvimento de suas propostas

pedagógicas no sentido de mudar a realidade desses educandos que buscam na escola na maioria das vezes o único ponto de apoio para saírem da condição de oprimidos.

As práticas docentes observadas⁵

Nesta etapa do trabalho farei o relato da sequência da prática docente da professora observada. Para a reflexão usarei duas aulas realizadas no segundo semestre de 2009 na escola já mencionada. Cada prática observada teve duração de aproximadamente duas horas o que se refere ao tempo de aula na EJA.

No dia 09 de setembro de 2009 a professora inicia a aula perguntando aos alunos quem havia respondido a atividade que ela teria passado na aula anterior. Em seguida ela coloca as respostas da atividade no quadro.

RESPOSTAS

- a) Monarquia
- b) Os grandes proprietários de terras
- c) Inglaterra
- d) Escravos e mestiços

A professora termina de responder a atividade e fala de uma reportagem veiculada no “O Jornal” do dia 06 de setembro tratando da violência na cidade de Maceió. Conhecimentos Gerais

- 1) Leia um trecho da notícia que foi veiculado no “O Jornal” de domingo dia 06 de setembro de 2009.

“Maceió mais segura” é lançado para prevenir a violência.

O grupo de Trabalho Institucional foi instalado na semana passada no Auditório da Prefeitura Municipal de Maceió com a presença de nove secretários e dirigentes de órgãos que vão integrar o grupo. O objetivo é elaborar o plano “Maceió mais segura”, e tentar mudar a realidade dos índices divulgados pelo fórum de segurança pública, que colocam Alagoas como o primeiro estado no ranking em homicídios dolosos no País nos anos 2007 e 2008. (...)

(texto de Fabiana Silva, repórter).

⁵ Os alunos e a professora serão identificados ao longo das descrições com A e P.

Após todos os alunos terminarem de escrever a reportagem, a professora pergunta quem gostaria de começar a ler, ninguém se pronuncia e a própria professora lê. Após a leitura ela dá uma explicação e os alunos começam a se posicionar.

A1: para melhorar esses índices o primeiro passo é investir na educação e depois colocar clínicas de recuperação para drogados. Outro ponto que eu acho muito importante é a questão dos pais, eles não percebem quando os filhos usam drogas. Eu tenho um caso na minha família.

A professora entrega jornais e pede que os alunos procurem notícias que tratam sobre violência, principalmente em nosso Estado. Ela diz para quem achar ler e depois socializar para a turma.

A professora copia uma questão no quadro e pede que os alunos respondam antes de iniciarem a socialização das reportagens:

*Elaborar programas como esse é caminho? Em sua opinião, o que esse programa poderia começar fazendo?

A professora pergunta a um aluno qual a notícia que ele encontrou e mais chamou atenção. O aluno diz que chamou a atenção o assassinato de um “parente do Cícero Ferro no interior”. A professora comenta sobre vários casos de violência que aconteceram recentemente, tais como: estupro, assassinatos, tráfico de drogas, entre outros. Entra no assunto das drogas, os alunos se envolvem.

A1: tem drogas pior de que a “birita”? Com essas drogas só é assim porque não é liberado.

A2: sabe por que não combatem as drogas? Porque está nas duas classes.

A3: quando antigamente não se permitia a bebida, o mundo era diferente. Hoje, se liberar essas drogas nada mudará.

A4: meu amigo saiu essa semana do presídio. “Lembra daquele caso que dois rapazes estupraram uma menina? Parece que era a filha de um juiz”...

A professora termina a discussão e passa uma atividade para casa. Recortar, colar uma notícia que fale sobre a violência. Depois faça um pequeno comentário. Ela entrega os ditados que passou na semana anterior e pede que os que tiverem erros os alunos refaçam. Em seguida encerra a aula.

Uma reflexão sobre a primeira prática

Nesta aula a professora optou por realizar uma discussão em torno da situação de violência em que a cidade estava vivendo e que ainda vive. Pode-se perceber que é um

assunto interessante, onde ela procurou buscar pontos de vista dos alunos trazendo-os para uma discussão sobre suas experiências, já que os estudantes envolvidos são da periferia da cidade e convivem com esta situação no dia-a-dia. Na busca de socialização das idéias, a professora assegura uma maior participação dos sujeitos, pois cada um contribui com o que já sabe.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 2007, p.41)

A realização do diálogo na sala de aula trouxe aos educandos uma visão mais ampla da realidade, um diálogo em que cada um optou em colocar seus posicionamentos em relação as suas convivências, onde cada um respeitou a opinião do outro, no sentido de propiciar o respeito à diferença. A mediação da professora torna-se importante, no sentido de conduzir a discussão para a realidade dos alunos. O que senti falta foi um maior aprofundamento na discussão, a professora teria como alargar o debate, fazendo com que os alunos refletissem melhor sobre tal realidade.

[...] o diálogo [...] como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte do nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...]. O diálogo é uma espécie de postura necessária na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a refazem [...] (FREITAS E MOURA, 2009, p.77, *apud* PROPOSTA PEDAGÓGICA, p.122-123).

O que interessa é que haja uma nova compreensão da realidade, passando a ser coletivamente transformada, no sentido de adquirir uma interpretação do mundo sistematizando o saber a partir de conhecimentos do senso comum, que através do diálogo passa a ser conhecimento sistematizado.

Descrevendo a segunda prática observada

Nesta outra prática a professora entrega um artigo de jornal falando sobre a paz. O artigo tem como título: “Maceioenses saí às ruas para pedir paz”. É uma reportagem de Mônica Lima do “O Jornal” do respectivo dia. Abaixo do artigo a professora passou algumas questões sobre o assunto. Ela convida os alunos a fazerem uma leitura

compartilhada. Apenas dois alunos participaram da leitura, os demais se negaram a fazer. Um aluno se dispôs a fazer como a leitura não estava boa a professora interrompe. P: se você estivesse acompanhando estaria lendo melhor, deixe que eu continuo. Ela termina a questão e explica a 7ª questão. Logo depois ela sai para atender algumas pessoas que chegaram à sua procura.

A professora retorna à sala e fala que irá passar um exercício, ela começa a escrever no quadro e ao terminar espera os alunos responderem até o encerramento da aula.

PORTUGUÊS

1- RETIRE DO TEXTO 5 PALAVRAS:

Monossílabas

Dissílabas

Trissílabas

Que sejam verbo

Que estejam no plural

Que seja substantivo próprio

Que seja substantivo comum

2- REESCREVA AS FRASES NO PLURAL, FAÇA AS ADAPTAÇÕES NECESSÁRIAS.

a) *A caminhada contou com a participação de aluno, trabalhador e servidor público;*

b) *A família de vítima da violência pedia justiça.*

Uma breve reflexão sobre a segunda prática

Percebe-se que a professora observada questões referentes à violência, desta vez ela traz um artigo falando sobre a paz. Mas o que mudou em sua prática? Como ela desenvolveu a criticidade dos educandos?

Apesar de ter sido um assunto semelhante ao que ela trabalhou na aula descrita acima, assunto este que é do conhecimento dos alunos ela percorreu um caminho diferente. Utilizou o texto apenas para trabalhar questões gramaticais, não o explorando no sentido de levar ao conhecimento dos alunos os motivos de tanta violência na cidade e o porquê da caminhada citada no texto estudado. Desta forma, a aula não se torna interessante a esses sujeitos, uma vez que, apesar do assunto abordado ser interessante a forma que é passada não traz o aluno para a participação efetiva da aula. Sendo assim, pode-se dizer que “a linguagem e a lógica que presidem na escola também não dialogam com as dos alunos, sejam eles oriundos de classes desfavorecidas ou não”. (MOURA, 2008, p.21).

O que dar para perceber é que a organização e o planejamento da aula não dialogam com a complexidade do mundo desses jovens e adultos oriundos de uma vida cotidiana cheia de experiências e aprendizagens. O trabalho com questões vindas de

uma proposta curricular já pronta torna-se mais fácil e os saberes e reflexões desses sujeitos são deixados de lado por não terem a oportunidade de se envolverem nesta prática de ensinar e aprender.

Podemos observar que os alunos se negam a participar da aula e no momento que um aluno resolve contribuir com a leitura do texto a professora o interrompe chamando-o a atenção por não está fazendo uma boa leitura. Talvez se esta professora não tivesse parado para pensar e refletir sobre sua prática a aula poderia ser mais atraente, se em algum momento ela imaginasse que um dos motivos desta não participação dos alunos seria atuação em sala. “[...] Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mas me torno capaz de mudar [...]. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar”. (FREIRE, 2007, p.40-41). É assim que o educador tem que perceber-se, como um ser capaz de mudar, mudar quando vir que sua prática não está sendo a melhor maneira de propiciar aos educandos uma visão de que são seres capazes de intervir em suas relações com os outros, propiciando condições para assumirem-se como seres “pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos” [...]. (idem)

(In) Conclusões

Iniciarei minha conclusão com a frase de FREIRE (2007) quando nos diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Ao longo desse texto tentei analisar a prática docente de uma professora da EJA, pontuando os momentos que ela se direcionou a uma aula dialógica e os momentos em que apenas transmitiu conhecimentos aos educandos.

Inicialmente falei que para haver uma prática docente em que educadores e educandos dialoguem no sentido de se formarem seres críticos e relexivos um dos pontos importantes seria o reconhecimento dos sujeitos inseridos neste processo. Um dos desafios para essa prática seria conhecer os atores envolvidos nessa relação de ensino-aprendizagem para a partir daí saber como cada um pode contribuir nesta construção do conhecimento.

Acredito que para haver uma prática docente concreta, flexível, problematizadora vai além da participação dos educandos, o que sinto falta é de uma formação adequada pra se trabalhar com esses sujeitos. O educador tem o papel de planejador, pesquisador, ajudante no processo de construção do conhecimento,

respeitando a cultura, os saberes e a forma de vida dos sujeitos envolvidos nesse processo de aprendizagem.

[...] a responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (MOURA, 2004, p.72 *apud* FREIRE, 1993b: 28).

Portanto, refletir sobre a prática docente desta professora me fez perceber que é necessário sim o ensino de conteúdos, mas conteúdos que possibilitem o “desvelamento da opressão” (defendido por Freire), que fossem escolhidos de maneira democrática, onde todos pudessem participar e não apenas como transferência de educador para educando. O educador deve perceber-se como inacabado, no sentido de fazer o melhor para seus alunos e transformar a realidade vivida de cada um deles, através de uma prática competente e comprometida que vai além dos limites e possibilidades de suas ações, fazendo com que seus alunos percebam que podem oferecer contribuições na sala de aula em relação ao saber à reflexão.

Referências

COSTA, Ana Maria Bastos; FREITAS, Marinaide Lima de Quieroz (Orgs.). **Proposta de Formação de Alfabetizadores em EJA: referenciais teóricos metodológicos.**

Maceió: MEC e UFAL, 2007. 158p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.**

35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 44 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim Tia Não: cartas a quem ousa ensinar.** 19ed. São Paulo: Olho d' Água, 1993.

FREITAS, Marinaide Lima de Quieroz; MOURA, Tania Maria de Melo (Orgs.). **A Educação de Jovens e Adultos: múltiplos olhares e diálogos.** 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2010. 193p.

MOURA, Tania Maria de Melo (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: currículo, trabalho docente, práticas de alfabetização e letramento.** Maceió: EDUFAL, 2008.

156p.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A Prática pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**. 3ed. Maceió: EDUFAL, 2004. 217p.